

## **PRÁTICAS DE ENSINO**

### **Sobre a educação e sua história**

Ana Valéria Dias Pereira<sup>1</sup>

#### **RESUMO**

O presente texto foi escrito com o objetivo de se registrar reflexões iniciais que estamos nos dedicando em realizar acerca da história da educação, focalizando estudos sobre práticas de ensino e seus vínculos com o período histórico em que são aplicadas, assim como seus vínculos territoriais. A importância de compreender essas práticas por meio de estudos em relação aos seus vínculos históricos e territoriais é para nós percebida como essencial no tocante de termos alguma condição objetiva de intentarmos, no chão da escola, ações a favor da classe trabalhadora (mesmo com o pessimismo que muitas vezes nos toma “de assalto”, diante de circunstâncias desfavoráveis). O artigo está dividido em três blocos: numa parte introdutória; numa parte central, onde algumas reflexões acerca de práticas modernas de ensino são realizadas. Práticas essas historicamente valorizadas, como as que se encontram prescritas na Ratio Studiorum, mas, sobretudo, práticas orientadas na Didática Magna, de Comênio. Finalizando, o texto conta com uma última parte, onde são registradas breves palavras que, além de destacarem um posicionamento sobre o que foi refletido, indicam o objetivo de continuar com publicações das análises que estamos realizando sobre a história da educação.

**Palavras-chave:** prática de ensino. didática magna. história.

#### **ABSTRACT**

This text aimed to gather some thoughts about the history of education. The history of educational practice according to the historical moment and the territory where it occurred. The importance of researching school practices based on the history of practices and the history of territories is justified because we believe that understanding the school, we can improve the school for the popular class, even when pessimism fills the soul, when faced with unfavorable circumstances. The text is divided into three parts. The first part contains an introduction. In the second part there are reflections on modern teaching practices, practices that were guided by Ratio Studiorum and, mainly, by Magna Didactics. In the third part, the conclusion, brief words are recorded about the development of research on the history of education currently and in the near future.

**Key words:** teaching practice. magna didactics. history.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Professora de História na rede pública estadual do Rio de Janeiro, Professora Supervisora Educacional na rede pública municipal de São Gonçalo, Professora no Curso de Pedagogia do Instituto Superior Anísio Teixeira, participante do Grupo de Pesquisa de Políticas Públicas e Educação de Jovens e Adultos da Classe Trabalhadora (UERJ/FFP).

## INTRODUÇÃO

Iniciamos o presente texto com nosso posicionamento acerca do entendimento de que as práticas de ensino não estão desvinculadas de um tempo histórico, de um território e nem tampouco da visão de mundo daquelas e daqueles que as organizam e as praticam no dia a dia, no “chão” da escola ou fora dele.

Estudar práticas de ensino em seus múltiplos vínculos históricos, sociais, políticos e econômicos, é imperioso para todas e todos educadores que desejam compreender suas ações e, assim, terem condições objetivas de pensar e agir da forma mais consciente possível.

A consciência, no entanto, não é suficiente para garantir que efetivamente tenhamos práticas de ensino que sejam totalmente alinhadas ao que acreditamos que precisa ser realizado. As condições materiais que fazem parte de nossas vidas, também, são determinantes no desenvolvimento do que chamamos de ponta dialética do processo educativo: o ensinar e o aprender, mesmo em realidades concretas antagônicas.

A título de exemplificação sobre possibilidades concretas de ações no universo da didática que envolve espaços de dentro e de fora da escola, vislumbramos o fragmento de uma fábula contada por Galeano Lessa (2010) quando participa do documentário mexicano, *Pequeno Grão de Areia*.

O documentário que, dentre outros, aborda a estrutura do sistema educacional daquele país (México) no início do século XXI e disputas entre projetos antagônicos de práticas de ensinar e aprender, apresenta histórias e reflexões sobre relações entre sociedade e educação. O documentário, também, é intercalado com narrativas reflexivas do poeta e escritor Galeano Lessa, que demonstra alguns dos limites que as realidades as quais nos confrontamos nos impõem. Diante da materialidade adversa que encontramos todos os dias, ações de pessoas comuns (em nosso caso das professoras e professores) ficam comprometidas, mas não anuladas. Esse otimismo acerca da não anulação de ações concretizadas na ponta do processo educativo, são provocadas, por exemplo, por duas reflexões que seguem: a de Galeano Lessa, por meio de uma parábola, e de Roberto Leher, por meio de uma reflexão, a qual compreendemos seguir uma das máximas de Gramsci (2011) sobre a importância do “otimismo da vontade, apesar do pessimismo da razão”.

Lessa nos conta numa fábula que, tal como em nossa sociedade, as grandes decisões são tomadas em patamares longe do alcance das classes populares. Sem mais delongas, na fábula, vimos o poeta nos apresentar um cozinheiro que estaria organizando um banquete com diferentes tipos de aves. Contudo, antes de abatê-las, o cozinheiro as convoca para participarem do evento escolhendo o molho que elas gostariam de serem comidas. Uma das

aves se levanta e diz que escolhia não ser comida. Nesse momento, o cozinheiro a adverte que essa escolha estava fora de questão. Dito de outra forma, essa escolha estaria fora de seu alcance! Estaria fora da esfera das decisões que seriam de competência das aves. Essas decisões seriam tomadas por outros, que estariam em outra instância (ou outras instâncias) de poder.

Essa reflexão de Galeano Lessa é importante porque fala sobre a importância de se refletir a vida em sua materialidade concreta para além do que os sentidos humanos podem perceber. Mas igualmente importante são reflexões de Roberto Leher (2015), que numa ocasião onde um conjunto de pessoas refletiam sobre esse fábula, faz uma advertência ao grupo: “Poder escolher apenas o molho não nos impede de fazer alguma coisa. Alguma coisa como, por exemplo, escolher um molho mais popular”.

Interpretamos que a reflexão de Leher pode ser traduzida como um “alerta”. Vimos um alerta no estilo do otimismo gramsciano quando o Professor nos diz que, apesar das grandes decisões estarem fora do alcance das pessoas comuns, isso não significa que essas pessoas não possam agir, mesmo dentro da materialidade de seus limites, na direção da visão de mundo que possuem e acreditam. Essa reflexão está em consonância com o pensamento gramsciano desenvolvido durante o período em que viveu no cárcere do fascismo italiano que foi intelectualmente e militarmente chefiado por Benito Mussolini. Gramsci viveu, no início do século XX, em prisões dos fascistas italianos, por fazer oposição àquele regime. Das inúmeras contribuições que esse autor deixou para humanidade em seus escritos de fora e de dentro das prisões (como os Cadernos), nos deixou um ensinamento onde afirma a necessidade de sermos “otimistas na vontade, apesar do pessimismo da razão” (GRAMSCI, 2016).

Destacamos ainda que, essa máxima gramsciana está em consonância com o objetivo das reflexões realizadas neste trabalho, que é o de contribuir com reflexões históricas acerca de práticas de ensinar (sobre a didática) de forma otimista e que o presente texto não se encerra nessas reflexões. Muito pelo contrário, ele é uma pequena parte da sistematização de estudos e pesquisas que temos nos dedicado sobre a história da educação, a partir de políticas educacionais (nacionais e internacionais) e de práticas de ensino, no “chão” da escola.

A sistematização deste texto envolve essa breve introdução, uma reflexão sobre a história da arte de ensinar “a partir” de João Amós Comênio, do momento histórico em que esse, que é considerado o “pai da didática moderna” vivenciou, destacando a questão da máxima de “ensinar tudo a todos, totalmente”, além de breves palavras de finalização do texto, onde registramos algumas considerações e um convite à leitura do próximo artigo que estamos produzindo.

## PRÁTICAS DE ENSINAR, DIDÁTICA MAGNA, HISTÓRIA

(...) a valorização dos clássicos deve ser incentivada para que os estudantes percebam como se dá a construção histórica do processo educativo e do trabalho didático. É necessário destacar ainda que o pensamento pedagógico da Idade Moderna fundamenta e influencia muitas práticas docentes e discentes na atualidade (NEVES; GASPARIN, 2012, p. 226).

Considerando o objetivo da pesquisa que temos nos dedicado em compreender a história da educação, no tocante da história da “arte de ensinar”, e observando Gasparin (1992) sobre a importância de se estudar os clássicos para compreender o ato de ensinar na atualidade, seguimos com nossas investigações e análises, e vimos que, historicamente, a preocupação com o conteúdo da prática de ensinar – a preocupação com a didática - se traduz na motivação de um número relevante de pesquisas<sup>2</sup> e reflexões de diferentes pensadores, de diferentes áreas do conhecimento, em diferentes momentos históricos, dos quais destacamos Comênio.

No que concerne ao tempo histórico sobre a origem da didática, apesar de epistemologicamente a palavra ter procedência na Grécia Antiga, com a palavra grega *didaskhein*, que significa ensinar, desmembrando-se” na palavra *didaktikos*, que significa aquele (a) que está “apto a ensinar”<sup>3</sup>, foi durante o século XVI que o conceito é organizado da maneira como o compreendemos hoje, embora a história da educação e da organização da didática não terem sido inauguradas naquele século (XVI).

O Século XVI é importante por conta de muitos acontecimentos na história da humanidade, contudo, a transição entre os modos de produção feudal e capitalista é o acontecimento a ser destacado. Períodos transitórios têm características próprias, pois o “velho ainda não morreu e o novo não pode nascer”. Não pode nascer, mas está ali, junto com o velho modificando o mundo ocidental de forma marcante em todos os aspectos da vida humana. Naquele século, que antecede a publicação das obras de Comênio, destacamos um documento essencial aos estudos sobre a história da educação de forma geral: a “Ratio Atque Institutio Studiorum Societatis Jesu”, mais conhecida como “Ratio Studiorum” - A razão dos estudos, ou a razão e o sistema de estudos dos Jesuítas, ou somente um plano de estudos.

A Ratio Studiorum<sup>4</sup> é um conjunto de normas que organizou a prática escolar,

<sup>2</sup> Pesquisando as palavras-chave “didática” e “ensinar”, as duas entre aspas e uma de cada vez, no catálogo de teses e dissertações da CAPES, encontramos o número de 10.000 pesquisas para cada palavra buscada individualmente (CAPES, 2023).

<sup>3</sup> Origem das palavras. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/didatica/>-Acesso: 31 Jul 2023.

<sup>4</sup> Utilizaremos prioritariamente, mas nem sempre, o artigo “a” para nos referirmos ao documento porque optamos pela ênfase na “Razão nos estudos” ao invés da tradução por “Plano de estudos”, que também é utilizada.

inclusive a formação de professores, o currículo e o dia a dia na sala de aula, durante dois séculos. Esse documento, cuja a primeira publicação é datada em 1599, relata, dentre outros pormenores do processo de ensino/aprendizagem, como deveria ser a conduta dos professores:

RATIO STUDIORUM: Conjunto de normas criado para regulamentar o ensino nos colégios jesuíticos. Sua primeira edição, de 1599, além de sustentar a educação jesuítica ganhou status de norma para toda a Companhia de Jesus. Tinha por finalidade ordenar as atividades, funções e os métodos de avaliação nas escolas jesuíticas. Não estava explícito no texto o desejo de que ela se tornasse um método inovador que influenciasse a educação moderna, mesmo assim, foi ponte entre o ensino medieval e o moderno. Antes do documento em questão ser elaborado, a ordem tinha suas normas para o regimento interno dos colégios, os chamados Ordenamentos de Estudos, que serviram de inspiração e ponto de partida para a elaboração da Ratio Studiorum. A Ratio Studiorum se transformou de apenas uma razão de estudos em uma razão política, uma vez que exerceu importante influência em meios políticos, mesmo não católicos. O objetivo maior da educação jesuítica segundo a própria Companhia não era o de inovar, mas sim de cumprir as palavras de Cristo: “Docete omnes gentes, ensinai, instrui, mostrai a todos a verdade.” Esse foi um dos motivos pelos quais os jesuítas desempenharam na Europa e também no chamado “Novo Mundo” o papel de educadores, unido à veia missionária da Ordem. (...) (TOLEDO, et al. 1986-2006).

França (apud Negrão, 2012), que analisa “o método pedagógico dos jesuítas”, nos conta que a primeira versão do plano de estudos (Ratio Studiorum), a que foi publicada em 1599, levou 15 anos para ser escrita, pois foi minuciosamente revista e reescrita por diferentes comissões formadas por jesuítas que se destacavam nos saberes que a Companhia de Jesus valorizava. A produção desse “manual” se orientou, dentre outros, pelo objetivo de formar, de maneira uniforme, todos os professores que atuavam nos colégios jesuítas espalhados pelo mundo, para que os mesmos formassem da mesma maneira todos os estudantes que ingressassem e permanecessem nos colégios.

França e Negrão (2012) evidenciam que o documento pedagógico dos jesuítas, além de ser conhecido em todo mundo cristão da época, tem sua primeira versão utilizada como referência na prática de ensinar não somente em colégios jesuíticos, mas em muitos outros. Em outras palavras, desde a sua publicação em 1599 até o ano 1773, quando os colégios dos jesuítas deixaram de funcionar em consequência da proibição decretada por Marquês de Pombal (cujo nome era Sebastião José de Carvalho e Melo), através do Alvará Régio de 28 de junho de 1759, a Ratio Studiorum orientava o processo ensino/aprendizagem de grande parcela da educação mundial.

A segunda versão do documento só foi possível de ser publicada em outro momento histórico, o início do século XIX, quando alguns acontecimentos estavam consolidados. Acontecimentos como o do falecimento do Marquês de Pombal, e o de uma nova conjuntura

na Europa. Uma conjuntura cujo o término ficou conhecido na história como o do período do terror na França. Período que teria sido a “última” fase do processo de uma revolução que conseguiu espalhar ideias até então muito reprimidas: as ideias da liberdade da Revolução Francesa (1789 – 1799).

O “fim” do processo revolucionário, dentre outros, se configura em uma conjuntura mais favorável a reabertura dos colégios jesuítas, que são reabertos, e a *Ratio Studiorum* (revisada) retorna à esfera educacional no início do século XIX, mais precisamente em 1814, voltando a guiar o processo pedagógico nos colégios dos padres, por mais uma década e meia.

O papel da *Ratio Studiorum* no tocante de sua contribuição com a manutenção do status quo dos colonizadores, em diferentes territórios do planeta, é assunto que ainda estamos nos dedicando e que contará com artigo específico. Nossas reflexões sobre o “rompimento” da lógica que até então prevalecia no mundo da educação da Idade Média, que servia ao modo de produção feudal, se traduz em destaque neste artigo porque é a forma que, pelo menos, inspira o ensino em muitas de nossas escolas, em pleno século XXI.

Inaugurada durante transição entre a Idade Média e a Idade Moderna, a Didática Magna de Comenio (influenciado por Ratke), está em consonância com o novo modo de produção “iniciado” com o advento do capitalismo comercial. O capitalismo que seria, para muitos, uma “fase inicial” do modo de produção capitalista em que vivemos hoje<sup>5</sup>.

Dessa forma, ao contrário da primeira e mais conhecida versão da “*Ratio Studiorum*”, um plano de estudos que estava inserido no mundo ocidental onde a classe dominante do modo de produção feudal lutava pela permanência de seu status quo (em um mundo que estava mudando para nunca mais voltar), a “Nova Arte de Ensinar”, de Wolfgang Ratke (1571-1635) e, principalmente, mas não somente, a “Didática Magna” de João Amós Comênio (1592-1670), ficaram conhecidas no campo da educação moderna, como obras que romperam com a lógica e a estrutura do processo educativo do “velho” mundo.

A nova proposta educacional, registrada na Didática Magna, mas também na importante, porém menos conhecida, obra de Comênio chamada de “*Pampaedia*”, estava em consonância com a nova ordem do mundo ocidental, inaugurada sob os auspícios do chamado capitalismo comercial, da chamada reforma protestante e, em decorrência desses e outros eventos, o ingresso dos povos ocidentais na Idade Moderna.

Segundo Gasparin e Neves (2012), Ratke e Comênio foram propulsores da

---

<sup>5</sup> O tema da formação do capitalismo não é prioridade neste texto. Portanto, por sua menção não ser acompanhada de, pelo menos, uma descrição sobre algumas das interpretações desse processo, o que está colocado se encontra no cuidado de ser escrito entre aspas.

organização da prática educativa moderna, mas foi Comênio que se dedicou de forma detalhada a escrever um novo tratado para a pedagogia moderna.

A atualidade da pedagogia moderna de Comênio é percebida em diferentes momentos de sua obra e é verdade que a sua pedagogia acompanhou a ruptura com o modo de produção da época. Mas, um dos pontos que serão sentidos pelo povo foi a ideia sobre o direito à educação institucionalizada. Essa compreensão sobre ser a educação um direito de todos e todas, além dos direitos transversais que ele envolve, como o do direito concreto de ingresso e permanência na escola, mudou a vida das pessoas. Mudou as formas de lutar por esse direito na “ponta” do processo de ensino/aprendizagem, mudou a prática do ensinar e do aprender. Uma mudança concreta foi a defesa pela abolição de castigos físicos e a inclusão de sentidos para os que frequentam as salas de aula.

A preocupação de Comênio em “ensinar tudo a todos e totalmente” está explícita em muitas partes de suas obras e para se lograr êxito nessa empreitada o filósofo educador enfatizou sobre ser fundamental que o processo de ensino/aprendizagem deixasse de ser enfadonho para as crianças e jovens. Dito de outra maneira, que passasse a ser prazeroso e com sentido para os estudantes.

Esse compromisso e determinação de Comênio no tocante da transformação da prática escolar excludente e penosa, para uma prática nova, democrática, inclusiva e prazerosa (dentre outros), lhe rendeu a alcunha de “Pai da didática moderna”, principalmente, com a escrita minuciosa e extensa da “Didática Magna” (dentre outras produções relevantes de sua autoria, das quais ainda destacaremos a Pampaedia) onde encontramos, logo no início da obra, o registro do que será encontrado no desenrolar da produção:

[Refere-se a um ] Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos [totalmente] ou processo seguro e excelente de instituir, em todas as comunidades de qualquer Reino cristão, cidades e aldeias, escolas tais que toda a juventude de um e de outro sexo, sem excetuar ninguém em *siveiarte* (sic)<sup>6</sup> alguma, possa ser formada nos estudos, educada nos bons costumes, impregnada de piedade, e, desta maneira, possa ser, nos anos da puberdade, instruída em tudo o que diz respeito à vida presente e à futura, com economia de tempo e de fadiga, com agrado e com solidez. (COMÊNIO, 2001, p. 11)

Comênio, que nesse fragmento de texto registra sua compreensão acerca da democratização do conhecimento historicamente acumulado para todos, era educador, escritor, pastor e viveu em um mundo cheio de conflitos. Em um mundo atormentado por guerras, Comênio foi testemunha de profundas transformações no campo religioso, político,

---

<sup>6</sup> O grifo é nosso e ele é justificado com a necessidade de destacar a palavra “siveiarte” por não existir na língua portuguesa e por ser, provavelmente, um erro de digitalização da obra via leitor ótico. No Fórum do WR há informações sobre a tradução da palavra diretamente do latim, que observa onde se lê: “em siveiarte alguma” pode-se trocar por “de forma alguma” (WR, 2017).

social e econômico. Ele viveu e morreu no âmago da chamada “reforma protestante” que aconteceu, na maior parte das vezes, de forma violenta, como foi o período em que aconteceram as revoltas que desembocaram na famosa guerra (“religiosa”) dos trinta anos, que fez dele um viúvo, um pai sem filhas e um refugiado político.

A “reforma protestante”, que modificou pensamentos e condutas estabelecidas como “incontestáveis”, durante os séculos, e que compuseram a chamada Idade Média no mundo ocidental, encontra-se entre aspas neste texto para sinalizar nossa opção em utilizar o termo referendado pela historiografia brasileira (reforma protestante), mas, ao mesmo tempo, para sinalizar que corroboramos com Ramos Neto (2019) sobre ter sido (essa “reforma”) um conjunto de movimentos que entendemos ser melhor identificado como cisma. Ou melhor dizendo, como sendo o propulsor e o mantenedor de um irreversível “cisma da cristandade ocidental”.

A caracterização como cisma do pensamento que se estabeleceu como hegemônico, principalmente, durante a Idade Média, é aqui privilegiada pelo motivo de que compreendemos (tal como Ramos Neto, 2019) que se tratou de algo muito maior do que uma reforma unificada. Em outras palavras, apesar da inauguração do cisma ser marcada pelas 95 teses de Martinho Lutero (1483 – 1546), que contestavam pensamentos e práticas da Igreja Católica de Roma e que foram (ou não) afixadas na porta da Igreja do castelo de Wittenberg, os protestos contra a Igreja de Roma possuíam formatos, objetivos e conteúdos muito diferentes uns dos outros (RAMOS NETO, 2019). Além de terem ocorridos em diferentes territórios da Europa, que possuíam diferentes culturas, e por meio de diferentes correntes doutrinárias como, por exemplo, o luteranismo “de” Lutero ter origem na Alemanha, o calvinismo “de” Calvino ter origem na França e o anglicanismo “de” Henrique VIII, ter origem na Inglaterra. Essas correntes doutrinárias, produzidas em territórios e culturas diferentes, na maior parte das vezes, pouco têm a ver umas com as outras e no termo “Reforma protestante”, que foi abraçado pelos protestantes, mas não criado por eles, movimentos contestatórios diferentes são apresentados como movimentos homogêneos e que “teriam” lutado juntos para reformar o cristianismo.

O educador que destacamos, o pai da didática, João Amós Comênio, nascido quase meio século após a morte de Lutero, em 28 de março de 1592, na Morávia, cidade que hoje pertence à República Checa, também é conhecido como seguidor desse que ficou conhecido como líder da reforma protestante (Lutero). É verdade que Comênio era Pastor, mas não era um Pastor luterano. Ele pertencia a Igreja dos Irmãos Morávios que, apesar de terem aproximações com o luteranismo, tinham características próprias originadas de problemas



próprios de uma cidade que se encontra a 600 km de distância da cidade “de” Lutero (Wittenberg, na Alemanha). Comênio viveu numa Europa conflitante e com novas e impensáveis ideias de organização da vida humana no ocidente. Conflitos que, apesar de colossais, tinham suas especificidades locais. E é nesse contexto, com intensos conflitos, que Comênio escreve e publica a obra mais conhecida mundialmente sobre o ato de ensinar: *A Didática Magna*, escrita em 1631 e publicada em 1657, quase 100 anos após a publicação da *Ratio Studiorum*, dos Jesuítas.

A *Didática Magna*, que incorporou parte da didática de Ratke, mas com o objetivo universal de “ensinar tudo a todos, totalmente”, possui pressupostos que são considerados avançados e difíceis de serem concebidos por grupos sociais que lhes foram contemporâneos. Pressupostos como o do repúdio aos castigos físicos como método de ensinar e aprender e a defesa do ensino para as mulheres (mesmo sendo diferente do ensino destinado aos homens), estão presentes nesse livro, que se tornou em um importante ícone na arte de ensinar e aprender, mas que não encerra nele mesmo a didática de Comênio.

O conceito de “todos”, por exemplo, não é esmiuçado nessa obra, mas numa posterior denominada *Pampaedia*:

No caso da *Pampaedia*, o destinatário da obra passa a ser toda a humanidade. A noção de “todos” passa a se referir a homens, mulheres, ricos, pobres, negros, brancos, pardos, deficientes físicos e mentais, de qualquer crença, ou seja, todo o gênero humano. Na *Pampaedia*, a noção de “todos” é mais bem detalhada e mais firmemente enfatizada. Para Gasparin e Cardoso, Comenius, primeiro, se ocupou em pensar sobre a educação de seu povo; adiante, estendeu sua preocupação à Europa em geral, para finalmente ocupar-se da formação de todo gênero humano, na *Pampaedia* (BOLLIS, 2015, p, 33).

Destacando que a noção de “todos” para Comênio se refere ao gênero humano, incluindo “homens, mulheres, ricos, pobres, negros, brancos, pardos, deficientes físicos e [intelectuais] (...), de qualquer crença” (ib idem) que habitam o planeta, retornamos à *Didática Magna*, com suas 595 páginas. A obra que conhecemos hoje se subdivide, além das notas do editor e do tradutor, em uma introdução nomeada de “*Didática Magna*”, em páginas dedicadas às “*Saudações aos leitores*”; numa dedicatória com o subtítulo “*A todos aqueles de presidem coisas humanas*”; destacando-se uma parte destinada a “*Utilidade da arte didática*” e numa “*final*” cujo subtítulo registra os “*Assuntos dos capítulos*”.

Em “*notas do editor*”, salvo as explicações sobre a forma “*abrasileirada*” na qual a escrita em português foi realizada, também há a compilação de trechos, em que o próprio Comênio justifica sua escrita em latim, além da escrita em sua língua, dizendo que o latim, por ser uma língua universal no mundo ocidental, alcançaria mais pessoas. Com essa justificativa, que aparentemente foge da lógica defendida pela “*reforma protestante*” na época,

Comênio entende que estava demonstrando, em ações, seu objetivo filosófico e político de se construir um instrumento para o ensino de tudo a todos, totalmente.

Daí nasceu este meu tratado, onde o tema é, assim o espero, desenvolvido mais longamente e mais claramente do que nunca foi até ao presente. Escrito inicialmente em vernáculo, para uso do meu povo, sai agora, a conselho de alguns homens eminentes, vertido em latim, para que, se possível, aproveite a todos (COMÊNIO, 2001, p. 004).

Esse “instrumento”, também conhecido como “Tratado universal de ensinar tudo a todos”, a Didática Magna, além do objetivo de democratização do ensino, apresenta características peculiares sobre as crenças do autor, como a do caráter religioso da obra e a preocupação com o bem-estar das crianças. Esse bem-estar é marcado pela defesa da abolição tanto dos castigos físicos, como das práticas de ensino enfadonhas, opressoras e com pouco ou nenhum significado para as crianças.

1. Didática significa arte de ensinar. Acerca desta arte, desde há pouco tempo, alguns homens eminentes, tocados de piedade pelos alunos condenados a rebolar o rochedo de Sísifo, puseram-se a fazer investigações, com resultados diferentes.
2. Alguns esforçaram-se por arranjar compêndios apenas para ensinar mais facilmente, esta ou aquela língua. Outros procuraram encontrar os métodos mais breve para ensinar, mais rapidamente esta ou aquela ciência ou arte. Outros fizeram outras tentativas. Quase todos por meio de algumas observações externas recolhidas com o método mais fácil, ou seja, com o método prático, isto é, a posteriori, como lhe chamam.
3. Nós ousamos prometer uma Didática Magna, isto é, um método universal de ensinar tudo a todos. E de ensinar com tal certeza, que seja impossível não conseguir bons resultados. E de ensinar rapidamente, ou seja, sem nenhum enfado e sem nenhum aborrecimento para os alunos e para os professores, mas antes com sumo prazer para uns e para outros. E de ensinar solidamente, não superficialmente e apenas com palavras, mas encaminhando os alunos para uma verdadeira instrução, para os bons costumes e para a piedade sincera (...). (COMÊNIO, 2001, p. 13-14).

De acordo com França (apud Negrão, 2012) os castigos físicos não eram estimulados no tratado de educação anterior à Didática Magna (a Ratio Studiorum), mas também, de acordo com esse mesmo autor que detalha os pormenores da Ratio Studiorum, os castigos físicos não chegaram a ser banidos no documento. Os castigos eram tolerados no corpo escrito do próprio plano de estudos, além de serem legitimados em eventos de formaturas de professores, quando recebiam como objeto simbólico de sua profissão disciplinadora, um chicote. O chicote, assim como a palmatória, era um instrumento disciplinador utilizado nas escolas do período, como corregedores da conduta e do processo de aprendizagem dos alunos.

Embora não se preceituassem castigos corporais, os jesuítas não os suprimiram de todo. Permitiam-se, desde que houvesse justificativa, chicote ou palmatória, os

golpes não ultrapassando a seis, evitando-se atingir o rosto ou a cabeça."No dia solene da investidura, como símbolo da sua missão disciplinadora, recebia oficialmente o professor um chicote. E não o recebia em vão. Pierre Tempête, Principal do Colégio de Montaigu, mereceu a triste alcunha de Grand fouetteur des enfants" (,,,) (FRANÇA apud NEGRÃO, 2012, p. 156).

Na educação moderna de Comênio, no entanto, não há tolerância oficial para o castigo físico, como a que é observada no fragmento do texto acima. Em Comênio vimos o registro de sua compreensão sobre a necessidade de novas mentalidades e novas práticas educativas, com práticas mais prazerosas para professores e alunos, conforme ele mesmo não deixava de repetir em seus escritos.

Comênio organizou e “inaugurou”, no campo educativo, um método para a prática escolar inserida em um “novo mundo”. Um mundo que se apresenta com uma nova ética. A educação desse mundo moderno, que nasce sem que o mundo medieval tenha morrido, precisava de uma educação que estivesse em consonância com o novo que surgia.

Nesse “novo mundo” uma “nova ética”, a conhecida por “ética protestante” (Weber, 2001), estaria mais próxima de atender às necessidades das novas práticas naquele que é, segundo Althusser (1975), um equipado aparelho ideológico de Estado: a escola.

Durante a transição entre a Idade Média e a Modernidade, uma parte da população que era considerada povo, a burguesia, cresce, se enriquece e passa a ganhar força na disputa por um lugar privilegiado na organização das sociedades. Essa classe cresce de forma muito “breve” para os padrões da época, e seu crescimento a transformará na classe que governará os Estados no mundo ocidental até os dias de hoje. E sua ética é a que prevalecerá.

Para “início” de conversa sobre a relação dessa ética (a ética protestante) e o novo modo de produção (o capitalista) destacamos que, apesar de interpretações que pressupõe causa e efeito entre eles, entendemos que essa não foi a acepção de Weber (2001), como verificamos no fragmento de texto abaixo, escrito pelo próprio:

(...) não se pode sequer aceitar uma tese tola ou doutrinária segundo a qual o espírito do capitalismo (sempre no sentido provisório que aqui usamos) teria surgido como consequência de determinadas influências da Reforma, ou que, o Capitalismo, como sistema econômico, seria um produto da Reforma. [...] Nosso desejo é apenas verificar se, e em que medida, as influências religiosas participaram da moldagem qualitativa e da expansão quantitativa desse “espírito” pelo mundo, e quais aspectos concretos da cultura capitalista resultem delas (WEBER, 2001, p. 49).

Nesse fragmento, dentre outras partes da obra “a Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, Weber (2001) tem o cuidado de alertar que a relação entre a ética hegemônica da época (a protestante) e o capitalismo, apesar de ter existido, não possuiu o caráter de causa e efeito, em nenhum dos dois lados. Ou seja, o autor enfatiza que o capitalismo não surgiu em

consequência da reforma protestante e nem tampouco a reforma protestante teria surgido do capitalismo. Weber (2001) destaca que a relação entre a reforma protestante e o modo de produção capitalista aconteceu de forma recíproca e não de consequência.

Essa reciprocidade sucedeu, também, no campo do trabalho, onde a atividade laboral deixa de ser interpretada como uma “maldição” e passa a ser compreendida como “algo que dignifica o homem”. A forma como o trabalho passa a ser percebido pelo modo de produção que começa a se tornar hegemônico no ocidente (o capitalismo) e por doutrinas protestantes, demonstra uma racionalização da atividade, que não havia antes do advento do mundo moderno.

Foi essa ideia de trabalho com honestidade que gerou um ethos e que a abordagem ideológica que indicava que o trabalho tornava os homens dignos de viver sob as bênçãos dadas por Deus. Enquanto no catolicismo o trabalho era uma maldição dada a todos os homens por Deus, no protestantismo, era uma bênção e uma oportunidade. O homem deve trabalhar para adquirir a bênção divina e para chegar mais perto da salvação. A ideia de que “o homem que trabalha não tem tempo de pecar” era a máxima corrente, pois o desperdício de tempo era pecado, não demorou para a lógica capitalista afirmar que tempo é dinheiro (COHN; BOLTANSKI e CHIAPELLO, apud COSTA e RAMOS, 2021).

Essa relação entre trabalho e educação e a humanização do processo educativo é tema para um próximo artigo, mas é importante destacar aqui que Saviani, no VII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”, ocorrido no período entre 10 e 13 de julho de 2006, na Faculdade de Educação da UNICAMP, destacou como sendo uma importante diferença entre a prática de ensinar contida na *Ratio Studiorum* e a contida na *Didática Magna* (dentre outras obras de Comenio), a da humanização do processo de ensino/aprendizagem. Com a *Didática Magna*, a prática de ensinar passa a ter objetivos humanos, apesar do forte caráter religioso de que a obra não escapa, devido a conjuntura,

## **CONSIDERAÇÕES**

Nessas breves palavras finais, retornamos ao entendimento que foi ponto inicial deste texto, quando registramos nossa compreensão sobre as práticas de ensino estarem vinculadas aos seus tempos históricos, aos seus territórios e às visões de mundo daquelas e daqueles que organizam a educação, seja em âmbito externo ou no interior da escola.

Também foi propósito do presente texto organizar algumas análises que temos nos dedicado em realizar. Nos dedicamos na investigação sobre história da educação, no Brasil e no mundo ocidental, assim como seus vínculos históricos.

Inicialmente optamos por privilegiar a história da prática de ensinar: a história da

didática. Mas não uma didática solta de seu tempo e de seus propósitos. Mas uma didática contextualizada, onde as percepções de mundo daqueles que a organiza são apresentadas

Os vínculos que existem entre a “arte de ensinar” e os momentos históricos em que ela está inserida, assim como os vínculos com territórios, com as classes que dominam os Estados e com os movimentos de resistência e lutas contra-hegemônicas, são o foco da pesquisa apresentada neste artigo. Um artigo que terá continuidade em seções com resenhas de livros que estamos estudando e em seções com artigos originais provenientes das reflexões teóricas e práticas que estamos nos dedicando no âmbito da história da educação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARÉCO, S. BRITO, Silvia Helena Andrade de. [et al.] (Org.). A Organização do trabalho didático na história da educação. Campinas: Autores Associados, 2010. 205 p. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 10, n. 37e, p. 303–306, 2012. DOI: 10.20396/rho.v10i37e.8639798. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639798> . Acesso em: 30 ago. 2023.

BOLLIS, Renata Augusta Ré B692j Jan Amos Comenius : um educador em três tempos / Renata Augusta Ré Bollis. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, São Paulo, 2015. 152 f.

COMÊNIO, João Amós. Didáctica Magna. Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos. Introdução, Tradução e Notas de Joaquim Ferreira Gomes. Ebook, Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

COSTA, Otávio Barduzzi Rodrigues da. RAMOS, Rosangela P. , O que é ética protestante e o espírito do capitalismo entre os neopentecostais. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 06, Ed. 04, Vol. 05, pp. 99-124. Abril (14/4/2021). Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/sociologia/etica-protestante> – Acesso em 28 Ago. 2023.

GASPARIN, João Luiz. Comênio ou da arte universal e ensinar tudo a todos totalmente. São Paulo: PUCSP, 1992. (Tese de doutorado).

GRAMSCI, Antônio. Cadernos do Cárcere. V. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

LEHER, Roberto. Aula da disciplina “Problemas contemporâneos da educação brasileira”. Programa de Doutorado em Educação. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Arquivo particular. 2º semestre de 2015.

LESSA, Galeano. Parábola do Banquete das Aves. In: PEQUENO GRÃO DE AREIA. Documentário. México, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/praxis/477> – Acesso em 10 Abr 2023.

NEGRÃO, Ana Maria Melo. 2012. O método pedagógico dos jesuítas: o "Ratio Studiorum" Resenhas. Rev. Bras. Educ. (14). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/LqB7SVwpmcCQ8Qp8zHJdB3k/?lang=pt#> – Acesso 31 Jul 2023.

NEVES, S. G.; GASPARIN, J. L. Os princípios fundamentais de Ratke e de comênio para a universalização do ensino escolar. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 10, n. 37e, p. 215–226, 2012. DOI: 10.20396/rho.v10i37e.8639790. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639790>. Acesso em: 08 ago. 2023.

O CONCEITO de reforma protestante na historiografia brasileira the concept of protestant reformation in brazilian historiography João Oliveira Ramos Neto - Hist. R., Goiânia, v. 24, n. 1, p. 206-217, jan./abr. 2019.

TOLEDO, Cézár de A A.. RUCKSTADTER, Flavio Massani; RUCKSTADTER, Vanessa Campos Mariano. RATIO STUDIORIUM. Verbete. Revista Histedbr, Faculdade de Educação/UNICAMP/SP, 1986 – 2006. Disponível em: [https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb\\_c\\_ratio\\_studiorum.htm](https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_ratio_studiorum.htm) – Acesso em 25 Jul 2023.

WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. 2ª ed. rev. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

WR. Word Reference. Fóruns Language. Siveiarte, 2017. Disponível em: <https://forum.wordreference.com/threads/siveiarte.3319302/?hl=pt> – Acesso: 30 Jul 2023.